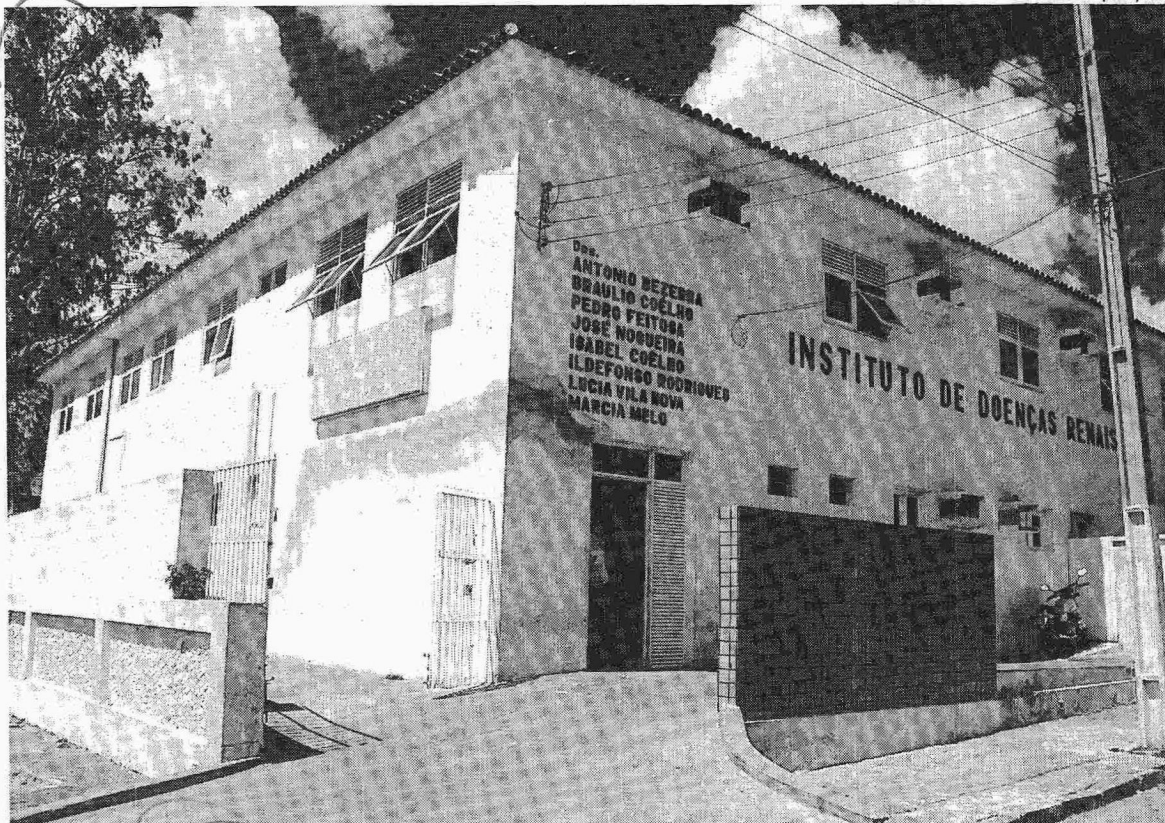




Instituto de Doenças Renais de Caruaru: dezenas de mortes após a hemodiálise

ÁGUA DO PAÍS É PERIGOSA

JORNAL DA TARDE

07 ABR 1996

Pesquisadora diz que ela tem cianobactérias, a provável causa das mortes em Caruaru

A maioria dos reservatórios de água do País contém grande concentração de cianobactérias, entre elas a microcistina-LR, a mais provável causa da morte de dezenas de pessoas no Instituto de Doenças Renais de Caruaru, em Pernambuco. O alerta foi feito pela pesquisadora Sandra Feliciano Azevedo, coordenadora do curso de pós-graduação em Química de Produtos Naturais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi ela quem detectou em Caruaru a presença da toxina no carvão ativado utilizado na filtragem da água usada na hemodiálise.

“A diferença entre o que aconteceu em Caruaru e o que acontece em todo o País é que, lá, a toxina foi direto para a corrente sanguínea, provocando a morte de tantas pessoas”, explicou. “Mas não tenho dúvidas de que estamos tomando doses diárias de cianobactérias e que, em termos potenciais, estamos submetidos aos mesmos riscos”. De acordo com a pesquisadora, 70% das amostras de água analisadas registraram “concentrações muito altas” de

toxinas como a microcistina-LR.

Amanhã, Sandra Azevedo começa a montar um filtro para tentar comprovar que foi mesmo a microcistina-LR a toxina responsável pelas mortes em Caruaru. “Em animais de laboratório, a microcistina produziu sintomas extremamente semelhantes aos de-

“Quem tem de tomar providências para que a situação não se repita é o governo”

(Sandra Feliciano Azevedo)

tectados nas vítimas de Caruaru”, disse. Ela garante que não existem dúvidas de que a microcistina-LR chegou pelo ao carvão usado nos filtros. “Se passou pelo carvão e foi direto para o paciente submetido à hemodiálise, vamos saber a partir de amanhã, com os testes em laboratório.”

Preocupada em não criar “uma situação de pânico generalizado”, a pesquisadora disse que a sua contribuição na tragédia ocorrida em Caruaru é descobrir por que essas pessoas estão morrendo. “A partir dessa descoberta, quem tem de tomar providências para que essa situação não se repita é o governo”, alertou. Ela lembrou que há cerca de dois anos, em Évora, Portugal, várias pessoas submetidas a hemodálises também morreram em circunstâncias idênticas. “As autoridades sanitárias tomaram uma série de providências e o problema foi solucionado”, disse. “Espero que tenhamos o bom senso de fazer o mesmo.”

Com base em amostras da água do Rio, São Paulo, Minas, Bahia, Rio Grande do Sul e no Distrito Federal, a pesquisadora constatou a “fragilidade” do sistema de tratamento de água. “A represa que abastece a região de Americana, no interior paulista, por exemplo, apresenta uma grande concentração de cianobactérias (algas azuis) que podem liberar toxinas perigosas, como a microcistina.”